

DIMINUTIVO: O GRAU QUE AFAGA OU AFASTA

Hélia Coelho Mello Cunha (IFF)

hcunha@iff.edu.br

RESUMO

Nas aulas de língua portuguesa, no Brasil, é comum a apresentação do grau diminutivo como o acréscimo de sufixos a substantivos e a alguns adjetivos. Muitos professores apenas apresentam este grau a partir da gramática normativa, dizendo que, nos substantivos concretos, o grau determina a falta ou redução de atributos de dimensão física, desconsiderando, neste recurso tão expressivo, o desempenho de várias funções semânticas. Interessa-nos, neste trabalho, apresentar conotações expressivas de palavras no diminutivo em diversos gêneros textuais (charges, letras de músicas, textos publicitários, textos literários, artigos de opinião de jornais e revistas, manchetes, discursos de diversos profissionais e até em textos informativos) que ilustrem a riqueza de possibilidades estilísticas deste grau no nível semântico-discursivo, destacando a expressividade e originalidade de seu emprego. Na estilística semântica, buscamos os meios para a análise dos valores expressivos nos diversos exemplos coletados.

Palavras-chave: Diminutivos. Estilística. Semântica. Estilística semântica.

1. Introdução

O diminutivo é uma maneira ao mesmo tempo afetuosa e precavida de usar a linguagem. Afetuosa porque geralmente o usamos para designar o que é agradável, aquelas coisas tão afáveis que se deixam diminuir sem perder o sentido. E precavida porque também o usamos para desarmar certas palavras que, por sua forma original, são ameaçadoras demais.

(Luis Fernando Veríssimo, Diminutivos)

Nas aulas de língua portuguesa, no Brasil, muitos professores apenas apresentam o grau dos substantivos aos alunos a partir da gramática normativa, dizendo que, nos substantivos concretos, o grau determina a intensidade de atributos de dimensão física. Nessa função, o grau é um sistema de posicionamento relativo sobre a intensidade com que um atributo se manifesta no substantivo, é uma escala de três posições que vai do excesso à falta, passando pelo normal. O grau normal indica que o atributo está presente no substantivo em intensidade típica, comum. Os graus aumentativo e diminutivo indicam excesso e falta, respectivamente.

Contudo, este recurso tão rico e expressivo desempenha várias funções semânticas e não deveria ser apresentado apenas como um assunto gramatical.

2. Usos do diminutivo no Brasil

No Brasil, é frequente o uso do grau diminutivo. Está na fala de todos, cultos e ignorantes, crianças e adultos, reforçando o tom coloquial e de descontração. Os brasileiros estão tão acostumados a usá-lo, que nem percebem que, muitas vezes, usam o diminutivo para aumentar (quando um pão, por exemplo, acaba de sair do forno, dizem: “Está quentinho...”), por exemplo.

Segundo Monteiro (1991, p. 34), “a frequência de diminutivos na fala de um povo se correlaciona com o seu grau de afetividade, a sua disposição emotiva. Daí, sem dúvida, a explicação para o excesso de diminutivos, tão constante entre portugueses e brasileiros” e Castelar de Carvalho (*apud* MONTEIRO, 1991, p. 34), “em sua pesquisa de resultados irrefutáveis, demonstrou que nos diminutivos prepondera a função emotiva (psicológica) sobre a função lógica (ideia de pequenez)”.

Apesar disso, aos alunos de língua portuguesa, em nosso país, é comum a apresentação desse grau apenas como o acréscimo de sufixos: “-inho, -acho, -culo, -ebre, -eco, -ejo, -ela, -ete, -eto, -iço, -im, -isco, -ito, -ote, -ucho, -ulo, -únculo, -usco” a substantivos e alguns adjetivos, desconsiderando-se a sua força expressiva.

Para muitos autores, como Ilari (2000, p. 12)

Uma das características que empobrecem o ensino médio da língua materna é a pouca atenção reservada ao estudo da significação. O tempo dedicado a esse tema é insignificante, comparado àquele que se gasta com “problemas” como a ortografia, a acentuação, a assimilação de regras gramaticais de concordância e regência, e tantos outros, que deveriam dar aos alunos um verniz de “usuário culto da língua”. Esse descompasso é problemático quando se pensa na importância que as questões da significação têm, desde sempre, para a vida de todos os dias, e no peso que lhe atribuem hoje, com razão, em alguns instrumentos de avaliação importantes, tais como o Exame Nacional do Ensino Médio, os vestibulares que exigem interpretação de textos e o Exame Nacional de Cursos.

(...) Ao contrário do que acontece com a “gramática”, simplesmente não existe em nosso ensino a tradição de tratar do sentido através de exercícios específicos, e isso leva o professor da escola média a acreditar que, nessa área, não há nada de interessante a fazer. O estudo da língua é direcionado apenas

para o aspecto fonológico, morfológico e sintático.

Segundo Bastos & Spengler, em pesquisa realizada na PUC-PR, é possível observar que o diminutivo é empregado sob quatro formas/estilos: “o sufixo é utilizado para amenizar fatos ocorridos (*probleminha*), expressar afetividade (*irmãzinha*), ser portador de sentido pejorativo (*bolinho*), ou ainda carregar seu próprio valor de significação, sentido denotativo (*parquinho*)”. Além disso, as autoras afirmam que apesar de as gramáticas normativas citarem que o sufixo do diminutivo só se apresenta diante de substantivos e adjetivos, já há a ocorrência na atualidade desses diante de palavras invariáveis como advérbios (ideia de superlativo) e até mesmo junto aos verbos em suas formas nominais (particípio e gerúndio).

Os diminutivos também podem ter significação de aumentativo (“*a montanha-russa me deu um friozinho na barriga*”), servir para abrandar uma situação (“*Ela irá fazer uma operaçãozinha*”), e dar aos nomes um significado carinhoso, sentimental, de ternura (“*Lulinha paz e amor*”) e até substituí-los (“*Xuxa de volta para os baixinhos*”). Podem designar o que é agradável, sensual, excitante (“*Que bundinha bonitinha!*”). Adicionado aos verbos que sugerem uma recomendação, o sufixo de diminutivo acentua a recomendação e reforça o sentido (“*João, vá depressinha apanhar o meu remédio na farmácia.*”).

Por outro lado, o uso dos diminutivos pode, em determinadas situações, causar constrangimentos (“*Você gosta mesmo de ler esse jornalzinho?*”), ofender e revelar desprezo pelas pessoas (“*Esse doutorzinho não acertou um diagnóstico sequer*”). Podem também revelar ironia (“*Que mulherzinha boazinha que tenho! Nem o almoço me oferece quando chego do trabalho*”) e antipatia (“*Aquela mulherzinha é insuportável!*”), indicar raiva reprimida ou desejo de espezinhar o outro (“*Aquele povinho me paga!*”). Há também casos em que, apesar de terem um sufixo de diminutivo, não encerram a ideia do grau (“*Garotinho é o ex-governador do Rio*”).

A análise do uso dos diminutivos deve sempre ser feita dentro de um contexto, pois só assim se terá a ideia exata de seu significado. Segundo Monteiro (1991), a percepção do estilo utilizado encontra-se ligada a um conjunto de operações que ultrapassam o quadro formal, transbordando sobre a vida, o mundo e a ideologia.

A estilística é uma de nossas ferramentas de análise, já que, concordando com Guiraud (1978) consideramos *estilo* como o emprego dos

meios de expressão determinado pela natureza e intenções do indivíduo que fala ou escreve.

Segundo Guiraud (1978, p. 86)

A estilística da expressão é o estudo do valor estilístico dos meios de expressão, dos matizes afetivos, volitivos, estéticos, didáticos e outros, que dão colorido à significação. Há valores expressivos que traduzem os sentimentos, os desejos, o caráter, o temperamento, a origem social, a situação de indivíduo falante e, valores impressivos que representam suas intenções deliberadas, a impressão que ele quer produzir, valores de grande importância na expressão literária.

A estilística da língua e estilística da palavra são as duas tendências da estilística atual; mas, segundo Guiraud (1978, p. 94), a separação entre a estilística pura e a aplicada dificilmente pode ser mantida. Por concordarmos com ele, nosso trabalho de pesquisa, apesar de privilegiar a estilística da expressão, não pretende excluir a estilística impressiva (literária).

A semântica é uma teoria que pretende, após estudar o fenômeno da significação no nível da frase, do texto e da enunciação, analisar a relação entre o significado da expressão linguística e sua força comunicativa, salientando o modo como essa relação é entendida numa abordagem funcionalista. Os fenômenos de sinonímia e paráfrase; da antonímia; de hiperonímia/hiponímia; o da ambiguidade; de redundância semântica; o da contradição; das informações implícitas são explicados pela semântica. Guiraud (1978, p. 83) afirma que “No plano semântico, coloca-se o problema dos efeitos naturais e dos efeitos evocativos das palavras e, por outro lado, do das mudanças de sentido”.

A estilística semântica, que estuda os sinais da língua, nos dará, portanto, meios para a análise dos valores expressivos nos diversos exemplos de comunicação linguística nos quais o uso do diminutivo se faz presente.

Interessa-nos, neste artigo, apresentar conotações expressivas (manifestação de sentimentos e emoções) de palavras no diminutivo em diversos gêneros textuais escritos que ilustrem a riqueza de possibilidades estilísticas do diminutivo no nível semântico-discursivo, destacando a expressividade e originalidade de seu emprego em charges, letras de músicas, textos publicitários, textos literários, artigos de opinião de jornais e revistas, manchetes, discursos de diversos profissionais e até em textos informativos.

Nos anúncios publicitários, nos quais há a necessidade de aceitação do público, o uso do diminutivo aproxima o consumidor. Rynaldo Gondim, por exemplo, criou um texto que fala de praia e cidade para a marca Havaianas, voltado às mulheres (**Fig. 1**). Ele usou “pezinho” (diminutivo de “pé”) com este propósito.



Fig. 1: anúncio de Havaianas.

Fonte: <https://discutindoaredacao.wordpress.com/2010/12/>

Já, no anúncio da Vila-Fruti (**Fig. 2**), há o uso do diminutivo com valor de aumentativo. Para valorizar a temperatura do pão servido no estabelecimento, que é bem quente, a palavra “quentinho” serve muito mais para convidar o consumidor à compra do pão do que se fosse utilizado o aumentativo “quentão”.



Fig. 2. <http://cargocollective.com/priscilaperovano/Campanha-Inauguracao-Vila-Fruti>

Na charge (**Fig. 3**), para provocar riso, humor, a economia brasileira é contada no diminutivo. E na **Fig. 4**, o diminutivo também serve

para fazer uma crítica à atitude dos políticos em época de eleições: dar “tapinhas” nas costas dos eleitores.



Chargeonline.com.br - © Copyright do autor

Fig. 3. <http://www.luizberto.com/coluna/um-texto-de-luiz-otavio-cavalcanti>



Fig. 4. Setembro 16, 2014.

Fonte: <http://www.folhadafloresta.com.br/tapinha-nas-costas>

O diminutivo também serve para amenizar uma situação. Percebe-se este caso no texto “Traz só uma coisinha pra mim?” (Fig. 5), no qual o

autor relata os pedidos que são feitos a ele quando viaja para o exterior. Uma pessoa que pede um iPhone dizendo que é uma “coisinha” tenta amenizar a situação constrangedora de pedir um produto tão caro usando o diminutivo. No início do texto, o autor Rodrigo Alves, explica esta situação: “Basta anunciar uma viagem ao exterior ao seu círculo social para que a enxurrada de encomendas tenha início. Itens de toda sorte, desde os mais caros no mercado brasileiro e que, aparentemente, são mais acessíveis em terras gringas, até vinhos que você encontra com preços tão competitivos quanto no mercado nacional. Nunca pensei que abordaria o assunto num artigo, mas mudei de ideia depois das minhas viagens de férias para Orlando e Miami. O que mais ouvi foi a frase: “Traz só uma coisinha para mim?” Do iPhone ao perfume, da maquiagem ao notebook, de lente fotográfica aos tênis Nike. Uma lista criativa é formulada na cabeça das pessoas. Além do produto diferente, todos querem tirar proveito da sua viagem para fazer economia. Muitos julgam que encontrarão seu produto do sonho pela metade do preço e se esquecem que o dólar está em alta, da taxa de 10% sobre cada compra e mais a cobrança de IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) na troca das moedas”.

E o valor afetivo está presente em letras de música, como, por exemplo, em "Coisa bonita", gravada por Roberto Carlos: dirigida a gordinhas:

Amo você assim e não sei por que tanto sacrifício
ginástica, dieta não sei pra que tanto exercício
olha, eu não me incomodo
um *quilinho* a mais não é antiestético
Pode até me beijar, pode me lamber
que eu sou dietético...

Uma declaração da cantora Ana Carolina foi muito divulgada na mídia pelo uso do diminutivo com valor depreciativo: “Tem homem que é tão mulherzinha que eu não me surpreenderia se fizessem xixi sentado.” (Frases – <http://kdfrases.com>).

Fazendo brincadeira com o uso dos diminutivos pelos brasileiros, a **Coca-Cola** criou, neste ano de 2014, uma divertida série de comerciais para a Copa do Mundo no Brasil, e que está sendo veiculada por quase toda a América Latina. A língua, chamada de “*portuguesiño*” (português no diminutivo, em espanhol), é ensinada nos cinco vídeos já lançados. (<http://www.hypeness.com.br/2014/04/coca-cola-brinca-com-jeito-de-falar-do-brasileiro-em-cam-panha-para-a-america-latina>). Uma prova de que nós, brasileiros, somos conhecidos mundialmente pelo uso que fa-

zemos dos diminutivos.

C 2 SEXTA-FEIRA, 17 DE JANEIRO DE 2014

JORNAL DE PIRACICABA



Traz só uma coisinha para mim?

Rodrigo Alves

Basta anunciar uma viagem exterior ao seu círculo social para que a encorajada de encomendas tenha início. Iremos de toda sorte, desde os mais caros ao mercado brasileiro e que, aparentemente, são mais acessíveis em terras gringas, até viagens que você encontra com preços tão competitivos quanto no mercado nacional. Nunca pensou que aborlará o assunto num artigo, mas talvez de lá para depois das próximas viagens de férias para Orlando e Miami, O que mais gostei foi a frase: "Traz só uma coisinha para mim?"

De iPhone a perfume, de roupa-limão à notebook, de lente fotográfica aos óculos Nike. Uma lista criativa é distribuída na cabeça das pessoas. Além do produto diferente, todos querem tirar proveito da sua viagem para fazer economia. Muitos julgam que encorajará seu produto escrito pela metade do preço e se esquecem que o dólar está em alta, da taxa de 16% sobre cada compra e mais o cobrança de IDP (Imposto sobre Operações Financeiras) na troca das moedas.

É provável que a pedida venha do seu amigo de infância, mas prepare-se também para receber um e-mail do parente em quarto grau, um telefonema do colega de trabalho do departamento ao lado e um SMS do irmão do andar de cima. Não esqueça-se até o novo namorado do seu primo pede para lhe ajudar no Facebook. Ao aceitar a solicitação, verá que a intenção é

pedir perfumes importados.

No meu caso, as encomendas surgiram três meses antes da viagem. Com delicadeza, expus meus argumentos, já estava com um limite limiar eletrônico anexo, que se esgotava no limite de 500 dólares estabelecido pela Receita Federal. Também apresentei detalhes sobre as tarifas de fretes, mas fomos chamados ao circuito turístico de um distribuidor de primeira viagem e sem a noção de pensar em multas, comprei mesmo estando no paraiso das compras.

Mas até durante o passeio, muita gente fez pedidos. Uns chamaram pelos nomes secos, outros via e-mail. O problema é que a conexão com meu telefone é que você não sabe como o distribuidor necessário e caso faça compra ao cartão de crédito, corre o risco de a moeda valorizar até o fechamento da fatura e a compra sair mais cara que o valor esperado.

A primeira e última vez que fiz uma encomenda foi em 2011. Minha irmã estava na Disney e, na época, a febre era a primeira versão do iPad. Pedi o modelo com conexão Wi-Fi e 32 gigs de memória. Resultado: como não encontrava a quantidade que eu queria e com a redução da capacidade. Foi cara fora ao receber o produto. Inescrevi, depois, que ela abriu mão de usar ela nos parques, desistiu-se até a hora do compra na Disney não vendi iPad e desistimos de dólares do próprio bolso.

Muitas pessoas não sabem, www.fairphone.com

mas uma simples encomenda pode trazer vícios insidiosos. É preciso interromper seu roteiro para se dedicar à busca do produto. Pode-se que esteja muito caro, como aconteceu com a minha irmã, ou ainda que o destino esteja fora da sua rota. Também há encomendas como desastre e aquelas em que os filhos são feríveis e levam-se pelo menos 40 minutos para chegar ao caixa (sem comprar).

Seu amigo da máquina "quem compra, leva". Logo, aceitar uma encomenda representa carregar o acessório para lá e para cá e, depois, não há como não mais. Há limite de peso para itens des-pacháveis, há produtos que não podem ser transportados em bagagem de mão e aqueles que correm o risco de "entrosar" na alfândega. A regra vale para as encomendas que parecem óbvias, como os ursinhos da Disney (sim, tive gente que pediu).

Compartilho com amigos que fizeram as mesmas solicitações, porém, que todos passaram por situações parecidas. Os que aceitaram encomendas, colecionam histórias amorosas e aprenderam quebrando a cara. Tracer "não" para as encomendas é um ato corajoso, principalmente para as pessoas próximas. Mas é um gesto que evita chateações para os dois lados, poupa expectativas de quem encomenda e torna a viagem mais agradável para quem, afinal, quer apenas curtir as férias no Brasil.



Fig. 5. Publicado no Jornal de Piracicaba em 17 de janeiro de 2014.

<http://dandonota.com/artigos-jornal-de-piracicaba-2014/traz-so-uma-coisinha-pra-mim>

3. Considerações finais

Pretendemos com essa pesquisa contribuir para o ensino de língua portuguesa, ao estudarmos um grau que, normalmente, é apresentado aos alunos como uma questão de gramática normativa, em séries iniciais de estudo, de forma superficial, fora do contexto.

Cremos que a compreensão do uso do diminutivo que, além de expressar noções positivas pode conter carga negativa, seja essencial para

o entendimento de um texto. E esperamos que os professores se convençam da necessidade da abordagem desse fenômeno em sala de aula, tornando a leitura de textos uma atividade prazerosa e considerada pelo aluno importante para que ele participe mais efetivamente da sociedade, compreendendo melhor o uso do melhor instrumento de poder que temos: a palavra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Alessandra Silveira; SPENGLER, Ana Luiza. *O uso do sufixo diminutivo na fala do curitibano*. Disponível em:

<<http://www.pucpr.br/educacao/academico/graduacao/cursos/letras/texto/talento.php?codtalento=56>>. Acesso em: 29-10-2004

GIRAUD, Pierre. *A estilística*. Trad.: Miguel Maillet. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

ILARI, Rodolfo. *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras*. São Paulo: Contexto, 2002.

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.